



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out.2022-dez.2022
p. 48-63

Cidade das meninas invisíveis: cartografias de gênero nos espaços públicos livres de Florianópolis

(City of Invisible Girls: Gender Cartographies in the free public spaces of Florianópolis)

(Ciudad de las Niñas Invisibles: Cartografías de Género en los espacios públicos libres de Florianópolis)

Adriano Donin Neto¹
Laura dos Santos Boeira²

RESUMO: O lazer urbano e as práticas lúdicas na cidade são direitos que devem ser contemplados na política pública para crianças e adolescentes. Por meio do método cartográfico, objetivamos caracterizar os modos de uso dos espaços públicos livres pelas crianças em Florianópolis (SC), relacionando aspectos de gênero e idade. Os dados foram registrados em diários de campo compostos no deslocamento do pesquisador pela cidade. No total, foram observados 81 equipamentos de lazer para a infância em 19 bairros da cidade, contabilizadas 210 crianças e adolescentes, sendo 30% do gênero feminino. A invisibilidade e baixa presença das meninas nesses locais parecem ser marcas da opressão de gênero, que se engendra, com o passar dos anos, nos corpos femininos. Concluiu-se que a interseccionalidade entre gênero e faixa etária pode influenciar o acesso ao direito ao lazer em espaços públicos, com meninas, em especial as crianças mais velhas e as adolescentes, tornando-o mais restrito.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Cidade. Gênero. Espaços públicos livres. Lazer.

Abstract: Urban leisure and recreational practices in the city are rights that must be considered in public policy for children and adolescents. With the cartographic method, we aimed to characterize the ways in which children use public open spaces in Florianópolis/SC, relating aspects of gender and age. The data were recorded in field diaries composed when the researcher moved around the city. In total, 81 leisure facilities for children were observed in 19 districts of the city, accounting for 210 children and adolescents, 30% of which were female. The invisibility and low presence of girls in these places seem to be marks of gender oppression, which is engendered over the years in female bodies. In conclusion, the intersectionality between gender and age group can influence access to the right to leisure in public spaces, with girls, specially the older children and teens, experiencing more restricted access.

Keywords: Childhood. City. Gender. Public open spaces. Leisure.

Resumen: El ocio urbano y las prácticas recreativas en la ciudad son derechos que deberían contemplarse en las políticas públicas para la niñez y adolescencia. A partir del método cartográfico, el objetivo de este texto es caracterizar cómo los niños utilizan los espacios públicos libres en Florianópolis, en Santa Catarina (Brasil), relacionando aspectos de género y edad. Se recopilieron los datos de diarios de campo elaborados cuando el investigador se desplazaba por la ciudad. En total, se observaron 81 espacios de ocio para niños en 19 distritos de la ciudad, con 210 niños y adolescentes observados, de los cuales el 30% eran de género femenino. La invisibilidad y la baja presencia de las niñas en estos lugares parecen ser una marca de opresión de género, que se engendra a lo largo de los años en los cuerpos femeninos. Se concluye que la interseccionalidad entre género y grupo de edad puede influir en el acceso al derecho al ocio en los espacios públicos, que vuelve más restricto a las niñas mayores y las adolescentes.

Palabras clave: Infancia. Ciudad. Género. Espacios abiertos libres. Ocio.

¹ Mestre em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalhador de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD). E-mail: adriandoninneto@gmail.com

² Doutoranda em Psicologia Social na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Diretora executiva do Instituto Veredas. E-mail: laura@veredas.org



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 22/06/2022
Aceito em 28/09/2022

1 A infância institucionalizada

No Brasil, historicamente, há uma forte tendência de institucionalização da criança, constituindo-se um cenário em que há um contraponto entre a vida pública (relacionada ao homem adulto) e a vida privada (relacionada à mulher e à criança), que culminou na separação entre o universo adulto e o infantil (SENNET, 1988) e no surgimento de uma série de espaços e objetos produzidos especificamente para as crianças: escolas, creches, parques, museus etc.

No início do século XX, um conjunto de medidas de cunho higienista e inspiração normativo-jurídica foram traçadas no país. (BRASIL, 2005) Por meio delas, a população infanto-juvenil não podia circular pelas ruas e, se por algum desvio da norma o fizesse, em seguida seria recolhida pelas instituições, num procedimento de abrigo e interdição de suas presenças fora dos lugares instituídos e esperados. (LAZZAROTTO; NASCIMENTO, 2016)

Tais ações dirigidas à infância e adolescência resultaram na construção de um modelo de assistência, com forte tendência à institucionalização, ao enclausuramento, à vigilância, ao controle dos corpos e à normatização dos modos de ser. As crianças, nesse contexto, estariam segregadas e confinadas a espaços especializados, numa liberdade vigiada e disciplinar (FOUCAULT, 1987), acabando por vivenciar a cidade de maneira fragmentada e compartimentada. (FARIASI; MÜLLERI, 2017).

2 Infância e estudos feministas

Durante o século XIX até primeiro terço do século XX, a criança é essencialmente concebida como um adulto “em potência: o adulto não é somente o fim de seu desenvolvimento, mas também seu único conteúdo e seu sentido último” (CIRINO, 2001, p. 139) A criança não era considerada como sujeito social, mas pensada numa perspectiva antecipatória daquilo que iria se tornar. (ALANEN, 2001)

Tendo isso em vista, novas abordagens se tornaram necessárias nos estudos sobre a infância, as quais se caracterizassem por um afastamento do ponto de vista ‘adultista’, ou seja, abordagens centradas nas crianças, considerando-as “sujeitos falantes, atuantes e que vivem experiências, com seus próprios pontos de vista sobre o mundo no qual vivem”. (ALANEN, 2001, p. 71)

Tal processo possui muitas semelhanças com o início dos Estudos Feministas. (ALANEN, 2001) As crianças, assim como as mulheres, também constituem uma categoria social que tem sido injustiçada, numa invisibilização e distorção de seu lugar social e de suas contribuições. Por esse ângulo, a construção social das relações de poder entre homens e mulheres (PRAUN, 2011), as quais variam em diferentes sociedades e culturas, parece ainda manter o homem como referência



e a mulher como contraste.

Num sentido sociológico, crianças e adultos são nomes dados a duas categorias sociais que estão posicionadas entre si dentro de uma relação, que neste caso é de gerações. Sendo assim, o aperfeiçoamento da lógica das relações de gênero proporcionaria inspiração para se repensar as crianças em termos de relacionamento. (ALANEN, 2001)

Qualquer que seja o fator que marca as crianças como diferentes (pode tratar-se de um status específico, como vulnerabilidade, por exemplo) deve ser tomado como uma construção social. Para o projeto feminista de igualdade, no que diz respeito às desigualdades sociais observadas, estas são por natureza sociais e neste sentido podem ser modificadas. (BEAUVOIR, 2009) A diferença corporal entre adultos e crianças poderia ser considerada como algo “natural”, entretanto, é a construção cultural da infância moderna ocidental que efetuou uma normalização e institucionalização das crianças, em que estas são cuidadas, educadas, assistidas, instruídas, supervisionadas e controladas. (ALANEN, 2001)

Além disso, é preciso considerar, que as(os) jovens e crianças são sempre meninos e meninas, mas são, também, outras coisas (relacionado a sua idade, classe, orientação sexual, etnia etc.) e é, por vezes, com base nessas (outras coisas), e não no gênero, que estabelecem diferenças e desigualdades entre eles. Sendo assim, podemos tomar emprestados dos estudos feministas a perspectiva da interseccionalidade, que pode nos ajudar a pensar estas “outras coisas” que eles também são. “Por ‘interseccionalidade’ consideramos o efeito da simultaneidade e interação entre gênero, raça³, classe, orientação sexual e nacionalidade (entre outros), como categorias de diferença”. (BASSEL; EMEJULU, 2010 apud KONSTANTONI; EMEJULU, 2016, p. 7)

3 Infância e cidade

A cidade é um espaço não formal de educação, capaz de proporcionar diferentes aprendizagens. Trata-se de um local de interação, comunicação e encontro de seus habitantes a partir de suas vidas cotidianas, em que as crianças podem experimentar, aprender e criar ligações entre suas experiências de vida e os lugares cotidianos da cidade, descobrindo lugares informais que lhes dão possibilidades de transgredir os seus limites e se tornarem mais visíveis, num movimento de resistência à sua separação do convívio social ampliado, e de invenção de suas espacialidades próprias. É urgente pensar o cotidiano da criança e não necessariamente o da instituição (FARIASI; MÜLLERI, 2017), para isso é central a recuperação do papel do espaço

3 Cabe ressaltar que o termo ‘raça’ foi utilizado neste trabalho – e não apenas ‘cor’ – pois essa é a categoria de análise sociológica, visto que, no que diz respeito à espécie humana, não existem raças biológicas. Além disso, por considerarmos raça uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, para pessoas cujos pleitos têm de ser construídos sobre identidades e solidariedades comuns. (GUIMARÃES, 2002)



urbano na vida da coletividade e das crianças, dando margens crescentes de autonomia e liberdade a elas. (FUSARI, 2002)

Atualmente as crianças passam muito tempo na escola, em casa, na frente da televisão e do computador, vivendo em contextos e relações cada vez mais mediadas e substituídas por mercadorias, de negação a brincadeiras e à convivência. Mergulhar na cidade, no espaço público/político, suas vielas, becos, ladeiras, calçadas, possibilitaria à criança um processo imaginativo, de construção de laços sociais, compartilhamento, improvisado e troca. (MEIRA, 2013) Para isso é importante criar espaços, os quais não emergem sem protagonismo, invenções de imagens e lugares possíveis para além do campo do consumo. (MEIRA, 2013) As crianças seriam agentes de construção de distintas possibilidades de se viver na cidade. (PÉREZ et al., 2008) A cidade seria, então, um horizonte a ser conquistado por elas. (FUSARI, 2002)

O panorama geral da realidade das cidades brasileiras é marcado pelo sucateamento e falta de espaços públicos, locais que possibilitem encontros e trocas de experiências e práticas culturais. Há uma ineficiência e falta de políticas e programas, além de pouco acesso a bens e atividades de lazer, o que afasta as crianças de uma cultura lúdica baseada no uso e apropriação dos espaços. Além disso, há uma diminuição do convívio social nesses parques espaços e uma concomitante exacerbação do individualismo e dos processos de exclusão e pobreza nas cidades. Tal quadro influencia a vida das crianças, sendo elas as mais prejudicadas pela ausência de espaços públicos seguros e bem equipados para exercer lazer, ludicidade e convivência. (MÜLLER; ARRUDA, 2012)

O lazer urbano e as práticas lúdicas são ferramentas do desenvolvimento crítico e de humanização e são direitos que devem ser contemplados na política pública urbana. (MÜLLER; ARRUDA, 2012) Espaços públicos de lazer devem ser espaços de sociabilidade, de transformações sociais, resistência e encontro para as crianças. (TSCHOKE; RECHIA, 2012)

4 Objetivo

Este artigo teve por objetivo realizar um estudo sobre os modos de uso dos espaços públicos livres pelas crianças na cidade de Florianópolis/SC. Para isso foram observados alguns destes locais na cidade com o desafio de olhar para a vida cotidiana das crianças que circulam nas suas comunidades em atividades como o brincar, jogar, o lazer etc.



5 Estratégia metodológica

Esta pesquisa teve como método a cartografia. Tal escolha se deu, pois é um modo de caminhar pelo campo de pesquisa, ou seja, a cidade. É uma maneira de se deslocar nos espaços, pois se trata de uma metodologia baseada na ideia da prática geográfica de acompanhamento de processos em curso. (FERIGATO; CARVALHO, 2011)

O trabalho de cartografar não se realiza a partir de regras prontas ou objetivos pré-estabelecidos (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2009), mas a partir de “aposta de experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIOA, 2009, p. 10)

Os dados foram obtidos a partir dos diários de campo compostos no deslocamento do pesquisador pela cidade de Florianópolis/SC. O diário de campo serviu como modo de descrição e ordenação do que foi observado, sempre na busca de compreender melhor o que se passava (ARAÚJO et al., 2013). Seu uso como ferramenta de registro tem sido amplamente utilizado em pesquisas cartográficas (CINTRA et al., 2017).

Foram constituídos dois tipos de materiais: 1. descritivo-quantitativo, que teve por objetivo descrever o local e as pessoas presentes; e 2. qualitativo-reflexivo, com as ações e conversas observadas além do ponto de vista do observador, suas ideias, preocupações e reflexões (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

No que diz respeito ao material descritivo-quantitativo, optou-se por indicar alguns elementos como:

- *Das Crianças* – bairro; local; tipo de atividade desenvolvida; idade; sexo; cor; presença ou não de acompanhantes (mediação);

- *Estruturais* – bairro; local; tipo de equipamento; e

- *De deslocamento* – bairro; dia da semana; momento do dia (horário); distância percorrida.

Referente ao material qualitativo-reflexivo, a seleção foi feita a partir da retirada de trechos do diário de campo, trazendo para discussões mais detalhadas, aqueles elementos que melhor se enquadraram dentro da proposta do trabalho.

Foram observados os espaços públicos livres de Florianópolis, a partir da seguinte classificação (adaptado de ESPANHA, 1991), com foco nos itens 1 e 2:

1. Sistemas Gerais de Espaços Livres – Parques Urbanos
2. Sistemas Locais de Espaços Livres – Praças, praças e parques de esportes
3. Sistemas Viários Gerais – Rodovias, ruas de trânsito e passeio



4. Sistemas Locais de Vias – Ruas de acesso e estacionamento

O pesquisador adotou a circulação pela cidade a pé, por meio de transporte público ou de bicicleta. A interação foi adotada sem qualquer instituição ou pessoa previamente conhecida como mediador, sendo ele um transeunte como outro qualquer, construindo sua relação com a cidade, conhecendo e reconhecendo enquanto se deslocava, com o passar do espaço e do tempo.

Em sua aproximação com o campo, o pesquisador se deslocou a partir de sua residência e de seu local de estudo, buscando a maior variação na localização geográfica, demográfica e de classe social possível. Neste sentido, foi utilizado o método cartográfico como modo do pesquisador se aproximar da cidade.

6 Resultados descritivos-quantitativos

Ao todo foram observados 19 bairros: Barra da Lagoa; Lagoa da Conceição; Rio Tavares; Novo Campeche; Itacorubi; Santo Antônio de Lisboa; Rio Vermelho; Centro; Agronômica; Trindade; Córrego Grande; Carvoeira; Ingleses; Campeche; Açores; Pântano do Sul; Armação; Canasvieiras; e Jurerê Internacional. Neles, foram observadas uma totalidade de 30 estruturas e 81 equipamentos públicos de lazer, descritos na Tabela 1

Tabela. 1 – Estruturas e Equipamentos Públicos de Lazer para a Infância observadas em Florianópolis, 2018

Estruturas (n = 30)	Descrição (n)	%
	Praças (n=18)	60,0%
	Parques (n=5)	16,7%
	Associações Comunitárias (n=4)	13,3%
	Clubes de Futebol (n=3)	10,0%
Equipamentos (n = 81)		



	Parquinhos Infantis (n=38)	46,9%
	Campos de Futebol (n=9)	11,1%
	Academias ao Ar Livre (n=7)	8,6%
	Canchas de Futebol de Areia (n=5)	6,2%
	Canchas de Vôlei de Areia (n=5)	6,2%
	Quadras de Futsal (n=3)	3,7%
	Quadras de Basquetebol (n=3)	3,7%
	Canchas de Beach Tennis (n=2)	3,7%
	Pistas de Skate (n=2)	2,5%
	Ciclovias (n=2)	2,5%
	Quadras Poliesportivas (n=1)	1,2%
	Campo de Rúgbi (n=1)	1,2%
	Quadra de Paddle (n=1)	1,2%
	Quadra de Tênis (n=1)	1,2%
Equipamentos por Bairros (n = 81)		
	Centro (n=13)	16,0%
	Córrego Grande (n=12)	14,8%
	Lagoa da Conceição (n=7)	8,6%
	Campeche (n=6)	7,4%
	Barra da Lagoa (n=5)	6,2%
	Itacorubi (n=5)	6,2%
	Agronômica (n=5)	6,2%
	Rio Tavares (n=4)	4,9%
	Armação (n=4)	4,9%
	Canasvieiras (n=4)	4,9%
	Trindade (n=3)	3,7%
	Açores (n=3)	3,7%
	Pântano do Sul (n=3)	3,7%
	Rio Vermelho (n=2)	2,5%
	Outros (n=5)	6,2%

Fonte: Elaboração própria (2018).

Já no que tange à distribuição dos equipamentos de acordo com cada bairro observado, cinco registraram apenas 1 equipamento: Novo Campeche, Santo Antônio de Lisboa, Carvoeira, Ingleses e Jurerê Internacional.

Dois aspectos encontrados são importantes: a maior prevalência de parquinhos, que correspondem a 46,9%, do total de equipamentos observados – a maior quantidade de equipamentos observados nos bairros centrais da cidade. Esses dados podem indicar um que há um menor investimento em equipamentos para crianças maiores e adolescentes e/ou moradoras de bairros periféricos



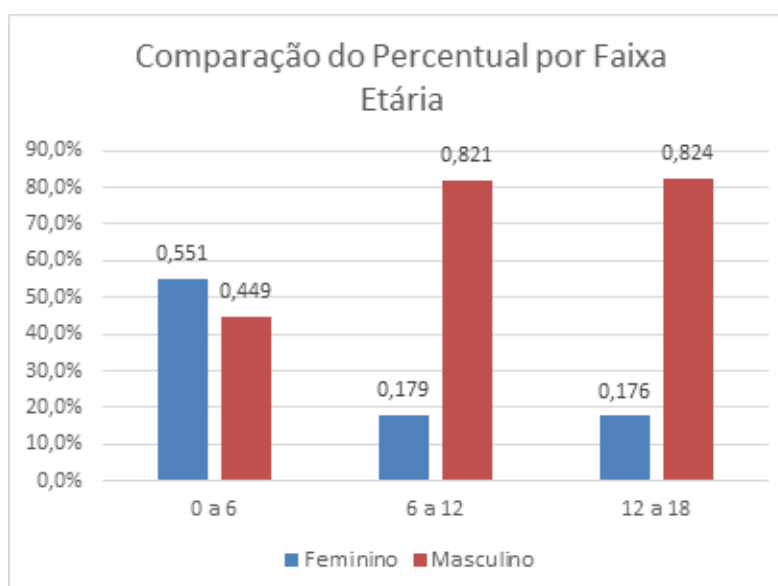
No que tange à quantidade e às características das crianças e adolescentes que ocupavam esses espaços no momento das aproximações, foram contabilizadas 210 crianças e adolescentes com idade entre 0 e 18 anos, sendo a maior presença observada de 12 a 18 anos (35,2%). Outros fatores também foram considerados, como faixa etária, cor/raça e gênero (masculino e feminino). Referente a esses outros fatores, em função do perfil da pesquisa não possibilitar uma autodeclaração dos participantes, ficou a critério do pesquisador tal identificação.

No que diz respeito à cor/raça, 148 foram consideradas brancas (70,5%), 34 negras (16,2%), 2 indígenas (1%). Em 26 casos (12,4%) essa classificação não foi anotada no diário de campo do pesquisador, visto que, como observador externo, nem sempre foi possível se atentar adequadamente à cor das crianças, processo que, em futuros projetos, seria facilitado pela autodeclaração.

Quanto ao gênero (masculino e feminino), das 210 crianças e adolescentes, 147 (70%) eram do gênero masculino e 63 (30%) do feminino. Como o gênero não foi autodeclarado pelas crianças, pois não houve interação com as mesmas, não foi possível verificar se havia crianças transgênero ou com outras identificações de gênero.

A partir da visualização desta considerável menor presença de meninas nos espaços públicos de lazer verificados nesta pesquisa, se fez necessária uma distinção de gênero por faixa etária para saber se esta proporção permanece, conforme demonstra a Figura 1:

Figura 1 – Comparação de percentual das crianças e adolescentes do gênero masculino e feminino de acordo com a faixa etária. Florianópolis, 2018



Fonte: Elaboração própria (2018).

Se compararmos a quantidade de meninas de 6 a 12 anos (n=12) com o valor total geral



(n=210), elas correspondem a apenas 5,7%. Algo similar ocorre quando fazemos a mesma comparação com as adolescentes de 12 a 18 anos (n=13) as quais correspondem a apenas 6,2% do total geral. Quando somadas, ambas correspondem a apenas 11,9% do total geral.

Os achados qualitativos reflexivos dos diários de campo corroboram com os dados quantitativos já citados. Foram feitos recortes dos trechos do diário de campo, principalmente nas passagens que se referem aos pré-adolescentes e adolescentes, os quais trazem à tona novas questões e elucidam um pouco mais os dados encontrados da menor presença de meninas nessas faixas etárias.

7 Resultados descritivos-qualitativos: interação entre gêneros – meninos e meninas mais velhos

Os exemplos que seguem, retirados do Diário de Campo, demonstram alguns modos de uso dos locais por parte das meninas mais velhas e a interação entre os gêneros masculino e feminino, principalmente entre pré-adolescentes e adolescentes.

Lagoa da Conceição, 01/11/2017, Associação dos Moradores do Canto da Lagoa (AMOCANTO) “As duas meninas que estavam sentadas nos bancos fora da quadra de futsal entraram e agora saíram de novo, devem ter uns 13 a 14 anos. Elas parecem estar procurando um lugar a que pertencer, será que se sentem incluídas? Ao mesmo tempo, jogam bola dentro da quadra de futsal 7 meninos, com uma idade de 13 a 16 anos... agora acaba de chegar uma menina que entrou na quadra para interagir com os meninos. Do lado de fora, ela disse: – Passa a bola, caralho! Os meninos todos conheciam ela e disseram: – chegou a zagueira! Ela cumprimentou alguns deles com a mão (como os meninos faziam entre si). Eles convidaram ela para jogar e ela ainda não se incluiu. Ela: – Quanto que tá? Um deles: – 2 a 1! A menina está ao lado da goleira e menino, que é o goleiro, está conversando com ela, quase ao mesmo tempo, ele defende um chute e grita: – Goleeeiro, caralho! Hoo Caroline, quer entrar no meu lugar? “Ela acaba de entrar no gol. Um dos meninos diz:– zagueirona mais do que goleirona!

No caso descrito, temos duas situações, uma em que duas meninas adolescentes ocupam o local e procuram o que fazer, e acabam escolhendo ficar sentadas nos bancos conversando. Embora elas se desloquem pelo espaço, retornam ao mesmo lugar e não se incluem no jogo dos meninos nem propõem seu próprio jogo. No outro caso, temos a inclusão de uma menina no grupo dos meninos, o que ocorre por ela já conhecê-los, ser habilidosa e dialogar com a linguagem deles. Algo semelhante se repete no seguinte trecho:

Barra da Lagoa, 23/10/17, parquinho ao lado do canal. 7 meninos e uma menina, com idade entre 12 e 15... outro ponto que chama a atenção é a presença de apenas uma menina, que se utiliza das mesmas linguagens, tanto corporais quanto verbais, para se incorporar ao grupo de meninos.

A pergunta que surge a partir desses relatos é: as meninas não têm o direito de fazer



atividade física acompanhadas por outras meninas, sem a necessidade de mediação dos meninos ou sozinhas?

8 Resultados descritivos-qualitativos: saída da escola – deslocamento de “escape”

Em alguns recortes dos diários de campo, observou-se que o deslocamento da saída de escola até em casa por parte das meninas adolescentes podem ser pequenas possibilidades de escape, de interação com amigos e com a cidade, de fuga da mediação e do controle dos adultos e das instituições. Os recortes a seguir dialogam com essa questão:

As duas meninas mais velhas estão conversando. Percebo que a saída do colégio é um momento crítico de interação, no qual as crianças estão liberadas da escola e podem continuar interagindo com os amigos em um outro ambiente. Santo Antônio de Lisboa, 01/12/17, Praça Getúlio Vargas. Caso similar ocorreu em outro local “...a saída da escola ainda é uma alternativa de encontro. Além disso, se o jovem tem um lugar para ir, que seja perto das escolas, ele acaba indo, seja numa praça pequena perto ou um local para jogar bola. Centro, 03/04/18, Parque da Luz

Embora em alguns casos as meninas ainda estejam acompanhadas por meninos, os recortes acima demonstram que há um pouco mais de autonomia por parte das adolescentes em seu deslocamento entre a escola e a sua casa, ou seja, o dever de ir à escola pode ser um alibi, – pois os responsáveis sabem onde ela está – e neste intervalo a menina pode ‘tomar um ar’, para depois ser novamente submersa na institucionalidade. O fato da presença das meninas nesses intervalos ter sido notada, fala também de uma surpresa, pois o olhar havia se acostumado com a sua ausência, observar suas presenças nesses deslocamentos tornou-se algo que saltou aos olhos.

9 Resultados descritivos-qualitativos: maior presença (agrupamento) de meninos

Trechos dos diários de campo trazem à tona reflexões sobre a maior presença de meninos da faixa etária de 12 a 18 anos no momento das observações, quando comparado com presença de meninas.

Trindade, 13/03/18, Pista de Skate: No momento estão andando de skate 4 meninos, todos brancos, parecem se conhecer, devem ter em média uns 16 anos. O espaço, pela sua estrutura parece atentar mais aos adolescentes e jovens mais velhos, as crianças menores não parecem circular muito aqui, há um parquinho ao lado, mas está em condições precárias (desgaste da pintura, pichações, grama alta, madeiras quebradas). A quadra de basquete que havia ao lado também se transformou em pista de skate, ou seja, houve a subversão da estrutura do espaço. Surge a mesma questão, todos os que aqui estão são meninos jovens mais velhos, nenhuma menina ou mulher.

No recorte acima temos um exemplo de um agrupamento de meninos na prática do skate, entretanto, quando se trata de jogos coletivos, a presença em maior quantidade dos meninos se dá



principalmente na prática do futebol, tal fato se exemplifica a seguir:

Há uma quadra de futsal no local, estão jogando no momento 4 meninos jovens de uns 14 a 17 anos e outro que parece já ser maior de idade, de uns 19 anos. Nenhuma menina acima de 10 anos está presente no local. Itacorubi, 23/11/17, Praça.

A prática do futebol por parte dos meninos se dá em locais de estruturas com quadras fechadas, ou também em goleiras instaladas em terrenos baldios:

Campeche, 05/05/18. Ao lado da Avenida Pequeno Príncipe, num grande terreno baldio que pertence a aeronáutica, foram instaladas goleiras de futebol. No momento que eu cheguei havia 7 meninos pequenos jogando futebol, todos com idade abaixo de 10 anos, a maioria negros. Entretanto, logo chegaram os jovens mais velhos de uns 16 anos em média...agora são 10 jovens, 8 deles parecem ter em média uns 16 anos, alguns mais, chegando até uns 21 anos, mas 2 deles parecem ter uns 10 anos no máximo, ou seja, devem ser os mais habilidosos que foram aceitos no time dos maiores. NENHUMA MENINA!

O jogo de futebol também foi visualizado em quadras fechadas de equipamentos e locais construídos especificamente com esse fim, em goleiras instaladas em terrenos baldios, em canchas com rede de *beach tennis* transformadas em canchas de futevôlei ou até mesmo em espaços sem nenhuma estrutura específica.

A maior quantidade de presença de meninos não se deu de forma dispersa na maioria dos locais, visto que grande parte dos equipamentos visualizados eram parquinhos, os quais são menos utilizados por essa faixa etária, mas de forma mais pontual, numa mesma atividade, principalmente na prática do futebol, que exige mais participantes. A presença de meninos jovens adolescentes se dá pela mediação, em diferentes casos, do futebol, mesmo na falta de uma estrutura ideal para a prática do mesmo, o que não parece ser um impeditivo, já que diferentes locais são subvertidos e transformados em campos de futebol. Entretanto, por quais motivos o mesmo não ocorre com as meninas?

Ao observar com mais atenção os registros dos diários de campo, foram contabilizadas ao todo apenas 13 meninas de 12 a 18 anos nos locais. Além disso, se considerarmos a descrição do tipo de atividade que elas faziam, e se estavam acompanhadas de meninos ou adultos, observou-se: três ao todo jogavam vôlei (junto a meninos de mesma idade), duas jogavam futebol (junto a meninos mais novos), uma jogava futsal (junto a meninos da mesma idade), uma brincava (junto a meninos da mesma idade).

Ou seja, em todas as práticas de atividade física e/ou esporte, as meninas (n=7) estavam acompanhadas por meninos, e, como já descrito acima, eram aquelas que por algum motivo conseguiram se incluir no grupo deles. No que diz respeito às outras seis meninas, suas atividades



eram: ócio/celular/conversar (n=3); esperar ônibus na saída da escola (n=2); e caminhar depois da escola (n=1).

Sendo assim, para além de ser baixa a presença das meninas de 12 a 18 anos, as poucas que ocupam esses espaços estão mediadas por meninos. Não podemos considerar a interação entre gêneros como algo essencialmente negativo, entretanto são raras as meninas que conseguem ocupar este espaço junto aos meninos. Para tentar compreender melhor esses fenômenos é preciso considerar alguns aspectos.

10 Discussão

É preciso considerar que as diferenças e desigualdades de gênero não são as únicas que configuram no dia a dia das crianças. Entretanto, são uma parte importante deste cotidiano e é uma das desigualdades que mais facilmente foi possível observar no campo de pesquisa, em relação ao acesso aos locais públicos da cidade. Uma identificação e discussão destas diferenças se faz necessária.

De acordo com Maria do Mar Pereira (2012, p. 107), em sua pesquisa feita em uma instituição escolar de Portugal, há um tipo de regulação dos acessos aos mais variados recursos nas interações cotidianas de meninos e meninas. Essa regulação a autora vai chamar de negociação das diferenças, em outras palavras, seria a exclusão de um(a) (ou mais) colega(s) de um certo espaço ou atividade, num embate pelo acesso, tanto de materiais quanto de espaços escolares.

Tais disputas definiriam geografias de gênero, ou seja, certos espaços seriam definidos como masculinos ou femininos, e tal divisão estabeleceria relações de poder e desigualdades entre meninos e meninas. Dessa forma, a diferente apropriação dos espaços seria responsável por criar cartografias genderizadas, nas quais as crianças construiriam fronteiras capazes de diferenciar e hierarquizar espaços, legitimando desigualdades com base em significados de gênero. (PEREIRA, 2012)

Por qual motivo então, nesta pesquisa, os espaços públicos da cidade, ao que tudo indica, também criam estas fronteiras e diferenças de acesso com base em significados de gênero?

Parece que esses locais de livre acesso e públicos são espaços privilegiados para meninos, em que as meninas são sistematicamente excluídas, em um modelo de socialização que encoraja os rapazes a dominar os espaços e inibe o desenvolvimento desses traços nas meninas, o que produz uma diferença entre as(os) jovens dos dois gêneros. (PEREIRA, 2012)

Os arranjos urbanos hodiernos, caracterizados por uma nova segregação urbana com a privatização dos espaços urbanos, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e



trabalho das classes média e alta (CALDEIRA, 1997 apud FERREIRA NETO, 2004), em que elas passam a identificar o espaço urbano como perigoso, produzem um reforço da desigualdade, distanciamento e isolamento. (FERREIRA NETO, 2004)

Se somarmos isso às opressões de gênero, tal desigualdade pode ser observada por meio da invisibilidade e baixa presença das meninas nesses locais nesta pesquisa. A ideia da cidade e dos espaços públicos como lugares violentos, associada à ideia da vulnerabilidade feminina frente às diversas dimensões de violências da sociedade e dos espaços públicos. Henri Lefebvre (1970) destaca o quanto o direito à cidade (e, adicionamos, ao lazer) está atravessado por diferentes opressões sociais, sugerindo que um espaço público não será aproveitado da mesma forma por pessoas que, devido aos seus marcadores sociais, experimentam socialmente diferentes níveis de liberdade.

Os achados desta pesquisa levam a considerar que a hostilidade do espaço urbano conduz ao uso restringido da cidade por parte das crianças (CASTRO, 2004 apud MÜLLER; NUNES, 2014), principalmente das meninas, visto que as cidades foram planejadas por adultos, para que, a princípio, suas necessidades fossem supridas, sendo assim, esses detêm uma circulação mais livre e autônoma. (MÜLLER; NUNES, 2014)

A vida na cidade proporciona distintas experiências de apropriação do espaço, numa busca de independência e autonomia, suscitando aprendizagens individuais e compartilhadas na experiência urbana. (CASTRO, 2004 apud MÜLLER; NUNES, 2014) As crianças e jovens subvertem os espaços, fazem movimentos de resistência, criam estratégias, rotas de fuga, e encontram modos, mesmo que às vezes tímidos e invisíveis, de ocupar a cidade e seus espaços públicos. “A verdade última é que crianças brincam em qualquer e todo o lugar”. (MÜLLER; NUNES, 2014, p. 670) Mais do que isso, as crianças fazem movimentos de resistência, buscam perfurar bloqueios e muros e se reúnem, – e brincam – nas ruas, praças e locais públicos, exercitando aquilo que Butler (2018) nomeia como direito de aparecer, um exercício performativo, que reivindica a presença, reconhecimento e valorização de corpos que desejam se fazer mais visíveis. Tal presença diz respeito à possibilidade de uma existência mais plural no espaço público, que acima de tudo reivindica a vida e a liberdade, e por isso se opõe à interdição contra o aparecimento público que é a condição do encarceramento, do cerceamento e da institucionalização das crianças, em especial das meninas.

Embora esses movimentos de resistência existam, este trabalho buscou discutir com mais atenção o fato de que as meninas estão sofrendo ainda mais com a privação da ocupação dos espaços públicos livres. A intersecção do gênero (feminino) e geracional (crianças e adolescentes)



parece ter bastante peso na perda desse direito. Tendo isso em vista, é preciso pensar em estratégias de políticas públicas que considerem essa particularidade.

11 Considerações finais

Este estudo aponta para uma caracterização inicial das desigualdades entre gênero e faixa etária observadas na cidade de Florianópolis/SC, e os possíveis fatores que podem influenciar o acesso a espaços públicos livres por parte das crianças e dos adolescentes e seu direito pleno à cidade e ao lazer.

A maior presença de equipamentos para a primeira infância e a concentração de equipamentos nos bairros centrais da cidade em detrimento dos bairros periféricos parece indicar que há um menor investimento em equipamentos para crianças maiores e adolescentes e/ou moradores de bairros periféricos, entretanto, mais pesquisas são necessárias para uma maior compreensão das causas dessa desigualdade.

Além disso, observou-se uma diferença tanto na presença, quanto na qualidade da utilização dos espaços públicos de lazer com relação ao gênero, visto o menor número de meninas observadas nesses locais. Tais dados podem indicar uma possível desigualdade do uso da cidade por parte das meninas, principalmente das pré-adolescentes e adolescentes. A invisibilidade e baixa presença das meninas nesses locais aparentam ser marcas da opressão de gênero, que se engendra, com o passar dos anos, nos corpos femininos.

A interseccionalidade entre gênero e faixa etária deve ser considerada na construção de futuras pesquisas e políticas que tenham como foco o direito à cidade e ao lazer por parte das crianças e dos adolescentes. Embora este estudo não tenha focado na análise da dimensão de raça, recomenda-se que seja incluída em novas investigações sobre o tema, dado que o sucateamento dos equipamentos está mais presente em regiões periféricas, onde residem, em sua maioria, as crianças e os adolescentes negros.

Por fim, destaca-se que o lazer urbano e as práticas lúdicas na cidade são experiências de educação não-formal que devem ser fomentadas, adotando-se uma lente de equidade. Assim, será possível garantir que diferenças entre sexo, gênero, faixa etária, raça, classe econômica ou local de residência não se traduzam em barreiras para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes no Brasil.

Referências

ALANEN, L. Estudos feministas/estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas.



Periódicus, Salvador, n. 18, v. 1, out.2022-dez.2022 – Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades
Publicação periódica vinculada ao Núcleo de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA
ISSN: 2358-0844 – Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>

- In: CASTRO, L. R. (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 2001. p. 69-92.
- ARAÚJO, L. F. S.; DOLINA, J. V.; PETEAN, E. *et al.*. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira Pesquisa Saúde*, Vitória, Espírito Santo, v. 15, n. 3, p. 53-61, 2013.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Lisboa: Quetzal, 2009.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CINTRA, A. M. S. *et al.* Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 45-53, 2017.
- CIRINO, O. *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESPANHA. *Espacios públicos urbanos: trazado, urbanización y mantenimiento*. Madrid: Mopu, 1991.
- FARIASI, R. N. P.; MÜLLER, F. A cidade como espaço da infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, 2017.
- FERIGATO, S. H.; CARVALHO, S. R. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 663-675, 2011.
- FERREIRA NETO, J. L. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. *Revista do Departamento de Psicologia*, Niterói, v. 16, n. 1, p. 111-120, 2004.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FUSARI, A. As crianças e os direitos de cidadania: a cidade como comunidade educadora. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 78, n. 23, p. 257-264, 2002.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002. 195 p.
- KONSTANTONI, K.; EMEJULU, A. Quando a interseccionalidade encontra os estudos da infância: os dilemas de um conceito itinerante. *Children's Geographies*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 6-22, 2016.
- LAZZAROTTO, G. D. R.; NASCIMENTO, M. L. Infância e Cidade: inventar espaços e modos de viver. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 2, p. 257-265, 2016.
- LEFEBVRE, H. *Le droit à la ville*. Paris: Anthropos, 1970.
- MEIRA, A. M. As crianças na cidade e o acompanhamento terapêutico. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25(n. spe.2), p. 41-45, 2013.
- MÜLLER, F.; NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 128, p. 659-674, 2014.
- MÜLLER, V. R.; ARRUDA, F. M. Crianças e suas opiniões: lazer e esportes em uma cidade brasileira. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*,



Caldas, v. 1, n. 10, p. 513-525, 2012.

PASSOS, E.; BENEVITES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, M. M. Jogos com fronteiras: a construção de diferenças e desigualdades entre rapazes e raparigas. In: PEREIRA, M. M. *Fazendo gênero no recreio: a negociação do gênero em espaço escolar*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 91-119.

PÉREZ, B. C. *et al.* Cidadania e participação social: um estudo com crianças no rio de janeiro. *Psicologia & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 20, p. 181-191, 2008.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*, São Luís, v. 1, n. 1, p. 55-65, 2011.

SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TSCHOKE, A.; RECHIA, S. O lazer das crianças no bairro Uberaba em Curitiba: a dialética entre os espaços de lazer problemática urbana na periferia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 263-280, 2012.

